



INFÂNCIA SUBALTERNIZADA: UMA RELEITURA PÓS-COLONIAL DO PERSONAGEM MANOLIN EM *O VELHO E O MAR*, DE ERNEST HEMINGWAY

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo

Universidade Estadual da Paraíba
ferdinando_oliveira@hotmail.com

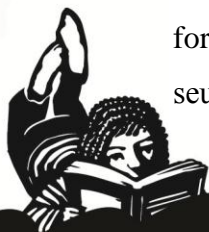
Resumo: Este estudo tem como principal objetivo analisar o romance *O Velho e o Mar* (1952) do escritor estadunidense Ernest Hemingway (1899-1961) sob um viés pós-colonial, focando, principalmente na subalternidade alocada ao personagem Manolin, um garoto que atua como um amigo do protagonista, o pescador Santiago. O pós-colonialismo corresponde a uma vertente dos Estudos Culturais que analisa as consequências da colonização praticada pelo imperialismo e a sua abordagem na produção cultural, sobretudo na literatura. Considerando o contexto da obra, a ficção foi escrita a partir do neoimperialismo promovido pelos Estados Unidos em Cuba, âmbito caracterizado pelo regime de opressão e dominação cultural. Este trabalho, então, observa a representação dos fatores culturais, históricos, políticos e sociais na literatura proposta, baseando-se em uma pesquisa bibliográfica do panorama em que o texto se construiu, juntamente com o estudo do pós-colonialismo e os seus conceitos, sobretudo em textos que abordam a subalternidade. Assim, a estratégia da releitura atuará como método para sua concretização, considerando-a como uma ação específica dos Estudos Pós-coloniais em textos literários. Portanto, Manolin será acionado enquanto uma interpretação de um cidadão subalternizado, isto é, um indivíduo moldado pelo império, tanto por ser um nativo e, ao mesmo tempo, uma criança pertencente a uma classe social de minorias que se define enquanto sujeito através da cultura imposta pela sociedade em que se integra. Serão utilizadas as contribuições teóricas de autores como Ashcroft et al. (2007), Bonnici (2000, 2005), Spivak (2010), etc., que exploram a temática do subalterno aplicada à teoria pós-colonial na literatura.

Palavras-chave: Literatura, Infância, Pós-colonialismo, Subalternidade.

INTRODUÇÃO

Os Estudos Culturais correspondem a uma área das Ciências Humanas que analisam os diversos materiais produzidos por determinados povos por meio de diversos campos, como a arte literária. A literatura, por sua vez, abrange um conjunto de situações que, investigadas por meio do contexto em que ela foi escrita, indicam a história que uma determinada sociedade vivenciou em uma determinada época. Juntamente com o texto literário, se integram os Estudos pós-coloniais, uma subárea dos Estudos Culturais que se dedicam a rever os resquícios do período colonial que se sobrepõem na obra, sejam esses registros a favor ou contra a prática colonial.

Para Bosi (1992, p. 15, grifo do autor) “a colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais”. Todavia, o ato de submissão se estende para além dos





VII ENLIJE

recursos fornecidos pela colônia, de modo que o sujeito pertencente à terra nativa será um dos principais componentes atingidos pelo sistema colonial executado pelo imperialismo, política esta praticada por grandes potências mundiais que almejavam a expansão do seu poderio comercial e territorial, a exemplo da Inglaterra, França e Estados Unidos.

Os EUA foram um dos países que alcançou, ao longo de sua estabilidade, seu próprio *status* econômico, resultante do colonialismo. Sua prática colonial é definida pelos críticos como algo pertencente ao “neocolonialismo/neoimperialismo”, processo pelo qual esta e outras nações do mapa utilizaram para governar territórios na economia e na política entre o final do século XIX e início do século XX. Isso contribuiu para a instauração de um regime totalitário em vista da concentração de bens oriundos desses locais dependentes das ordens do colonizador, caracterizando a ideologia capitalista defendida pelo imperialismo.

Diante desse panorama, o pós-colonialismo se apresenta como uma alternativa de compreensão desses fatores que envolveram o neocolonialismo americano, de modo que as teorias que abrangem essa área de estudo analisam “[...] as relações de poder envolvidas no processo de construção da alteridade dos diferentes povos colonizados” (SILVA, 2000, p. 92). A literatura, portanto, revela como as identidades dos povos atingidos pelo contexto colonial são construídas na ficção, atuando como um objeto crítico do condicionamento dessas populações perante o poder do Império.

Traz-se, então, *O Velho e o Mar* (1952), do escritor norte-americano Ernest Hemingway (1899-1961) como exemplo de texto literário analisado sob essa perspectiva. O enredo, situado em Cuba, descreve o percurso do velho pescador Santiago que, após 84 dias sem obter um peixe, consegue pescar uma espécie de tamanho incomum e, ao mesmo tempo em que trava uma batalha com o animal, desenvolve reflexões acerca de sua condição enquanto homem solitário em meio ao alto-mar. Todavia, o foco adotado para esta análise será no garoto Manolin, um amigo de Santiago que atua como exemplo do sujeito que, na infância, já apresenta vestígios da ação colonial americana, definindo-o como subalterno.

Portanto, este estudo tem como principal objetivo observar a narrativa contida em *O Velho e o Mar* como um retrato do poder colonial estadunidense em Cuba, trazendo o personagem Manolin como uma construção da geração inicial do membro da margem acometido pelas ações do Império americano. Para isso, será analisado o contexto histórico que permeou a escrita da obra juntamente com a biografia do autor, de modo que esses dois aspectos consistem no fundamento para a concretização desse estudo. Consequentemente, essas informações serão de utilidade para pensar no conceito de subalternidade atribuído ao





colonizado em concordância com a teoria pós-colonial, aplicando-a no texto literário para que, assim, se possa extrair a interpretação pretendida neste estudo.

METODOLOGIA

Como metodologia para a efetivação desta pesquisa, optou-se em realizar uma revisão bibliográfica do contexto colonial americano em Cuba, panorama que contribuiu para a compreensão do *corpus* literário em destaque sob o viés pós-colonial. Ademais, foi desenvolvido um estudo da vida e obra de Hemingway, em vista de que a sua trajetória corresponde a um elemento fundamental para a composição de sua prosa. Com isso, foi feita uma análise do texto literário considerando o aporte teórico fornecido pelos Estudos pós-coloniais, especialmente por autores como Ashcroft et al. (2007), Bonnici (2000, 2005), Spivak (2010), etc., sobretudo no que diz respeito ao conceito de “subalternidade”.

Logo, o pós-colonialismo considera duas estratégias de leitura para a observação do texto, a saber: a “reescrita” e a “releitura”, sendo esta última utilizada como recurso metodológico para o estudo em *O Velho e o Mar*. De acordo com Ashcroft et al. (2007), a releitura consiste em reler obras com o intuito de destacar os efeitos indelévels da colonização existentes na produção literária, desconstruindo os pressupostos subjacentes e as ideologias colonialistas integradas na escrita. Portanto, observar o personagem Manolin com base na releitura significa rever a influência colonial na instauração do caráter subalterno à criança nativa.

UMA RELEITURA PÓS-COLONIAL DO PERSONAGEM MANOLIN EM *O VELHO E O MAR*

Hemingway, escritor da narrativa em estudo, é visto como um dos autores mais renomados de sua época. Seu estilo é caracterizado por uma escrita objetiva, proveniente de sua carreira inicial como jornalista, associada a temas como a coragem humana em meio às limitações e a morte. Além disso, ele foi integrante do Modernismo, movimento em que membros de diversas expressões artísticas integraram novos padrões de produção com o intuito de distanciar das normas anteriores de seu tempo. Ainda, foi integrante da “Geração Perdida”, grupo de escritores expatriados dos EUA que se mobilizaram para outros países da Europa em razão dos resultados catastróficos ocasionados pela I Guerra Mundial (1914-1918), principalmente na economia.





VII ENLIJE

A biografia pessoal do autor é repleta de casos amorosos e viagens ao redor do mundo, o que nomeou Hemingway como um boêmio em vários cenários do mundo por onde ele visitou e estabeleceu estadia. Com isso, as realidades vivenciadas pelo escritor serviu de material contextual para a composição de seus romances e contos, a exemplo de *O Velho e o Mar*, texto escrito durante sua estadia em Cuba juntamente com o seu convívio pessoal com os pescadores da região.

Atentando à conjuntura em que se enquadra a obra, *O Velho e o Mar* foi um romance produzido durante o período em que Cuba consistia em uma colônia dos EUA. Foi com a “Emenda Platt”, lei instaurada entre o final do século XIX e início do século XX, que a ilha se tornou subserviente às ordens dos norte-americanos, permitindo a intervenção do governo em solo cubano. Esse regime de poder se estendeu durante a primeira e início da segunda metade do século XX, tendo o seu fim com a Revolução Cubana (1953-1959), fato que motivou a conquista da independência de Cuba perante o Império americano. Conforme aponta James (2011, p. 156), foi uma “[...] sucessão de períodos descoordenados com fins diversos, pontuado por ímpetos, saltos e catástrofes. Mas o movimento que lhe é inerente é nítido e forte”.

Sendo assim, direcionando-nos para a leitura do enredo em ênfase, pensa-se no conceito de “subalternidade”. Este termo é adotado para se referir a grupos na sociedade sujeitos à hegemonia das classes dominantes, que podem incluir camponeses, trabalhadores e outros grupos negados o acesso ao poder “hegemônico” (ASHCROFT et al, 2007). Nos Estudos pós-coloniais, a questão da subalternidade é realçada a partir das pesquisas da crítica indiana Spivak, que reflete o modo “[...] como o sujeito do Terceiro Mundo é representado no discurso ocidental” (SPIVAK, 2010, p. 20). Essa representação do indivíduo se expande para além do Ocidente, pois quando o colonizador, oriundo de qualquer país do globo, assume o papel de descrever o nativo a partir de suas convicções de superioridade com relação ao colonizado, o conceito de subalterno é introduzido em sua determinação enquanto indivíduo.

A respeito de Manolin, personagem optado para este estudo, o romance apresenta o garoto a partir de sua convivência com Santiago, protagonista da obra, como ilustra o trecho a seguir:

“Ele era um velho que pescava sozinho em seu barco, na *Gulf Stream*. Havia oitenta e quatro dias que não apanhava nenhum peixe. Nos primeiros quarenta, levava em sua companhia um garoto para auxiliá-lo. Depois disso, os pais do garoto, convencidos de que o velho se tornara um *salao*, isto é, um azarento da pior espécie, puseram o filho para trabalhar noutro barco, que trouxera três bons peixes em apenas uma semana. O garoto ficava triste ao ver o velho regressar todos os dias com a





VII ENLIJE

embarcação vazia e ia sempre ajudá-lo a carregar os rolos de linha [...] (HEMINGWAY, 2013, p. 13, tradução de Fernando de Castro Ferro, grifos do autor).

Observa-se, no fragmento, que o garoto atua como a jovem vítima em meio a uma Cuba colonizada pelo neoimperialismo capitalista dos EUA, sobretudo por ser impedido pelos pais – estes educados pelas imposições econômicas do governo colonial – de conviver com o velho amigo por não acompanhar a dinâmica da produtividade, exigência do capitalismo americano. A ação dos pais em encaminhar o jovem para um espaço em que a pescaria é mais favorável economicamente pode ser imaginada como um elemento próprio da ideologia capitalista proposta pelo Império, de modo que o teórico Fanon (1968) sugere a competitividade e o crescimento econômico os aspectos principais do cenário do capitalismo neocolonial. Entretanto, Manolin atua de forma oposta aos valores definidos pelo poder capital, pois o ato de colaborar com Santiago remete ao comportamento do membro socialista, centrado na coletividade.

A postura do indivíduo socialista é pontuada com mais evidência no próximo trecho, em que o garoto expressa a necessidade de ajudar o velho amigo na busca de mantimentos para a pesca:

- [...]. Agora preciso ir buscar as suas sardinhas e a isca fresca. O patrão é que traz a tralha. Não permite que ninguém o ajude a trazer as coisas.
- Nós somos diferentes – disse o velho – Quando você tinha cinco anos, já me ajudava a trazer as minhas coisas (HEMINGWAY, 2013, p. 30, tradução de Fernando de Castro Ferro).

Embora seja uma criança, o garoto impõe a amizade com o velho Santiago como um princípio acima dos valores econômicos que permeavam o contexto da comunidade a qual era membro. De fato, o capitalismo ganha espaço por meio do colonialismo americano, de maneira que a prática imperialista “[...] domina, classifica e mercantiliza universalmente todo o espaço sob a égide do centro metropolitano [...]” (SAID, 1993, p. 348). Por conseguinte, a comunidade colonial é construída pelas prescrições da autoridade do Império, tornando-a dependente dos costumes fixados pelo sistema colonialista.

Embora não siga os preceitos do capitalismo, ao longo do romance, Manolin atua como “objeto” do sistema colonial que, de acordo com Bonnici (2005), o sujeito é definido pela classe dominante, tornando-se subversivo às ordens do Império. Da mesma forma, ele configura a imagem de um país afetado pela cultura norte-americana, expresso pelo beisebol, esporte estadunidense que adquire espaço na narrativa através da voz do subalterno colonizado. Toma-se como exemplo o fragmento a seguir:





VII ENLIJE

- Fale do beisebol – pediu o garoto.
- Na Liga Americana, os melhores são os Yankees, como eu já disse – respondeu o velho, muito satisfeito.
- Mas eles perderam hoje – informou o garoto.
- Isso não quer dizer nada. O grande DiMaggio está outra vez em forma
- Mas há outros jogadores na equipe.
- Naturalmente, mas ele é que conta. Na outra Liga, entre o Brooklyn e o Philadelphia, escolho o Brooklyn [...] (HEMINGWAY, 2013, p. 25, tradução de Fernando de Castro Ferro).

Através da leitura do texto anterior, analisa-se a presença evidente do modelo cultural americano na vivência do cubano. Os times citados - Yankees, Brooklyn e Philadelphia – correspondem a aspectos dos EUA, considerando o esporte como um elemento habitual do contexto estadunidense. Assim como Santiago, Manolin é um aderente do beisebol devido o seu discurso expressar o seu interesse pela cultura da metrópole. Isso demonstra a afeição do jovem nativo pelos modelos culturais do colonizador, já que a implantação da cultura é uma das metas para a determinação da sociedade colonial com base na estrutura cultural do Império. Fanon (2008) observa essa ação como um ato de fuga das punições impostas àqueles que não se adequam aos costumes imperiais, pois quanto mais se adquire os valores culturais da metrópole colonial, mais se garante a sobrevivência na colônia.

A opção pela ideologia cultural do colonizador supera até mesmo outros temas de diálogo entre Manolin e Santiago, colocando-os como possibilidades secundárias de discussão entre os personagens. Quando o velho pescador, por exemplo, insere a África e o beisebol como alternativas para estimular uma conversa e questiona o jovem sobre qual assunto gostaria de tratar, a criança declara: “- Prefiro o beisebol” [...] (HEMINGWAY, 2013, p. 26, tradução de Fernando de Castro Ferro). Logo, a cultura representa um elemento instaurador dos moldes realizados pela autoridade colonial americana, pois, como Bonnici (2000, p. 31) declara, “[...] o colonizador sabia que a cultura constituía a única força aglutinadora da sociedade”.

A preferência pelos valores culturais da metrópole é contínua a ponto de desviar o nativo de suas origens. Isso se assemelha ao que Said (1990) destaca sobre a representação do Oriente em vista do Ocidente, pois, assim como o europeu realizou com o homem ocidental, a cultura americana adquiriu estabilidade na formação da identidade do nativo cubano, atuando como uma definição identitária substituta. Entretanto, em certos momentos do romance, a narrativa aponta Manolin como a criança subalterna que, apesar dos valores culturais implantados, afirma o seu patrimônio cultural nativo, atuando como uma peça de combate. Toma-se como exemplo o seguinte fragmento:





- Quem lhe deu isto?
 - Martin, o dono.
 - [...]
 - Também mandou duas cervejas.
 - Eu gosto mais de cerveja de barril.
 - Eu sei. Mas as que ele mandou são de garrafa, cerveja Hatuey [...]
- (HEMINGWAY, 2013, p. 24, tradução de Fernando de Castro Ferro).

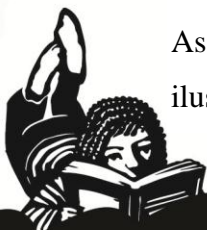
Percebe-se que Santiago assume uma postura oposta a de Manolin, pois, enquanto o garoto expressa a importância da cerveja *Hatuey* para o consumo, o velho pescador argumenta a sua preferência pela cerveja de barril, bebida usada pelo cidadão americano. Isso confere a discussão de Alves (2012), que reconhece que os hábitos dos norte-americanos são frequentemente utilizados por membros afetados pela invasão cultural e, por isso, são vivenciados frequentemente a ponto de se transformarem em indivíduos semelhantes a eles no que se refere à cultura.

Manolin, portanto, revela um sujeito que, em sua fase inicial, encontra-se dependente dos costumes imperiais, particularmente na cultura. Suas ações variam entre a sua condição enquanto membro da colônia e enquanto metrópole, e isso ilustra o indivíduo que está à mercê do comportamento dos membros mais velhos, algo marcante da criança que, na sua infância, assume suas posições iniciais enquanto pessoa e, conseqüentemente, adota os hábitos derivados da sociedade em que ele habita.

CONCLUSÕES

Com base nos trechos analisados do romance, observa-se a representação de Manolin como o colonizado da geração inicial pertencente à classe subalterna cubana. A condição do personagem revela os moldes executados pelo Império para a definição do sujeito a partir dos modelos culturais e nas ideologias propostas pelo neoimperialismo americano, gerando marcas na instrução do indivíduo que, além de conter registros de sua origem cultural, adquire os padrões determinados pelo poder colonial.

De fato, a definição do indivíduo pela imagem do colonizador no período da infância sugere essa etapa da vida humana como o alicerce para a construção identitária do sujeito, sobretudo na sua formação cultural e intelectual, de modo que, durante esta fase, a criança começa a estabelecer sua personalidade através do grupo social em que ela está integrada. Assim, Manolin é visto como um ser atingido pelas variações culturais do seu país e, por isso, ilustra um comportamento próprio do colonizado que não há uma definição exata do seu





VII ENLIJE

patrimônio de origem, havendo uma diversidade entre a cultura da colônia e a cultura do Império americano.

Concomitantemente, o velho Santiago é um contribuinte para a integração da cultura estadunidense em Manolin. O contato frequente entre os dois personagens traz encontros frequentes entre as características culturais dos EUA e de Cuba, estabelecendo zonas de aproximação entre a cultura da metrópole e da margem. Todavia, a ilha é imaginada como uma nação minoritária, em vista de que, ao longo de sua trajetória enquanto país, a nação apresentou suas oposições perante os ideais capitalistas do governo norte-americano, defendendo o socialismo como modelo de vida para o indivíduo. Por isso, a literatura atua como um reflexo do âmbito social do cubano, trazendo situações características das consequências geradas pelo regime colonial.

Portanto, *O Velho e o Mar* ilustra um personagem que, pela sua inocência, atua como uma vítima do sistema colonial, promovendo uma visão crítica da autoridade exercida pelos EUA na determinação da sociedade cubana em vista de suas vantagens comerciais, políticas e, especialmente, culturais. Hemingway, além de seu talento de escrita, apresenta cenários amplos de discussão em sua obra, o que justifica a apreciação da crítica literária sobre a sua produção em prosa e, com isso, o romance corresponde a um material amplo de análise, e a teoria pós-colonial significa uma alternativa para o desenvolvimento do debate acerca do condicionamento do colonizado instaurado pelo colonialismo, colocando o texto não apenas como um objeto artístico-cultural, mas como um registro do conteúdo histórico existente na ficção.

REFERÊNCIAS

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana**. São Paulo: Moderna, 2012.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Hellen. **Post-colonial studies: The Key Concepts**. London: Routledge, 2007.

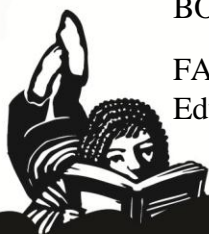
BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

_____. **Conceitos-chave da teoria pós-colonial**. Maringá: Eduem, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

_____. **Os condenados da terra.** Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. (Coleção Perspectivas do Homem, Volume 42).

HEMINGWAY, Ernest. **O Velho e o Mar.** Tradução de Fernando de Castro Ferro. 80. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

JAMES, Cyril Lionel Robert. De Toussaint L 'Ouverture a Fidel Castro. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). **Malhas que os Impérios Tecem:** Textos Anticoloniais, Contextos Pós-Coloniais. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 155-184.

SAID, Edward Wadie. **Orientalismo:** O Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Cultura e Imperialismo.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação:** um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. (Coleção Estudos Culturais, Volume 4).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Ferdinando de Oliveira Figueirêdo

*Universidade Estadual da Paraíba
ferdinando_oliveira@hotmail.com*



(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br